

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

O Nacionalismo e os seus chefes

O partido e o seu prelude — O programa e a acção — Os que falharam e os que andam nas suas aguas — O Nacionalismo ante o chefe de Estado — Como se alcança o poder?

O nacionalismo que, até aqui, era uma expressão seminellibata de estimaveis entusiastas rapazes, parece ter encontrado o seu chefe na pessoa honrada e ilustre do senhor Philomeno da Camara, cujos antecedentes são de respeitar. À sua volta formam alguns homens de letras como Carlos Malheiros Dias, Afonso Lopes Vieira, Trindade Coelho, foragidos dos partidos, almas anciosas dum grande ressurgimento patrio. As admirações pelo que se titulou já de obras nacionalistas: os livros de Lopes Vieira, de Aquilino, o teatro de Carlos Selvagem, os romances historicos de Antero de Figueiredo, as campanhas jornalísticas de Hipolito Raposo, Monsaraz e Sardinha, as pinturas restauradoras de Luciano Freire e a acção de Proença e Cortesão na Biblioteca, com o efemerismo dos «Homens Livres» liquidado numa pançada de governança e tatibitismo, tais são os valores desde já anunciados como os sedimentos da renovação. Ao mesmo tempo, enaltecidos os *revolucionarios* da Seara Nova numa mistura com os presidencialistas e integralistas, umas afirmações de espirito negativista nas obras de Eça, Ramalho e Oliveira Martins, tais são alguns dos carregos do alforge partidista que decerto não foram lá metidos pela mão do indigitado, simpatico e anunciado chefe senhor Philomeno da Camara, comandante da armada, colonial e administrador em demasia para se manifestar com tais preciosismos literatiços quando se trata de uma obra politica a realizar, de uma remoção de entulhos para se construir o edificio português. Alindam-se os sonhos antes de se mover o alvião e, à semelhança de Balzac que certo dia fantasiava diante de um editor, ao qual pedira 500 francos emprestados, um palacio arabe, no coração de Paris, assim os rebentos nacionalistas nos apresentam escritores, alguns

de alto valor, quando a nação carece mais de militares para se liquidar esse simulacro de estado no qual se cavam os *in paces* onde vamos agonisando.

Chamar negativista à obra do autor *Ilustre Casa de Ramires* e das *Cidades e Serras*, ao trabalho do escritor das *Praias de Portugal*, ás paginas da *Vida de Nun'Alvares*, dos *Filhos de D. João I* e do romance historico *Phebus Moniz* mais parece critica acerba de literato despeitado ante tanta gloria, que jamais usufruirá, do que palavras de um soldado de Africa, que se esqueceu de citar Mousinho e Enes, no renovamento colonial, Herculano na profundesa da historia, e tiroteando os velhos para só alçar alguns novos, olvidou que antes dos romances do sr. Antero de Figueiredo, das casas do sr. Raul Lino, dos regionalismos teatraes de Selvagem, das campanhas jornalistas de este e daquele, já Campos Junior e outros se tinham dirigido ao povo com os seus romances da historia a agitar as almas, Ricardo Severo impuzera o estilo nacional na habitação, D. João da Camara lançara o regionalismo nos palcos e jornalistas de alto valor tinham combatido os ataques á patria feitos pelos governantes.

Logo, começando por uma injustiça enorme, a propaganda do nacionalismo, eu quero continuar a vêr no seu inicio os dizeres dum plumitivo, puxando o lustro aos resplendores dos santos de sua casa e varrendo o pó das sacristias de onde fugiu o padre como dessa egrejinha dos *Livres* que acabaram nos poleiros da Arcada comendo o canhamo da republica e papagueando larachas que, noutro país, liquidariam reputações de resto feitas à custa do reclamo ao qual ninguem se opôz por falta de previsão, de tempo, de voz ou de imprensa.

Quero, pois, supôr que não foi o senhor Philomeno da Camara, bem dotada personagem da vida portuguesa, que fez a escolha das individualidades artisticas e literarias ás quais se referiu, que tampouco blasfemou acerca de Eça, Ramalho e Oliveira Martins e enalteceu o grupo já a falir ante a sua transigencia com o poder.

Um homem de acção e de estado não se pronuncia assim; não trata de renovações com historia literaria, não comete erros crassos ao abordar esses assuntos, não traz mansidões de poeta nos labios; não procura um programa numa cousa falhada — como foi essa barraca dos *Livres* — faz exactamente o contrario do exposto na sua entrevista.

Passadas todas esta culpas, que já irritaram alguns dos que podiam colaborar, com acção e brilho, nesse renovamento nacional vamos ensaiar algumas perguntas as quais, naturalmente, terão a sua resposta no manifesto que os nacionalistas vão lançar ao país.

— Como se regula a questão economica na campanha nacionalista a tentar? Continua-se nas mãos das plutocracias, deixa-se a classe media esmagada entre o camartelo do grande rico e a bigorna do proletariado? Não se inquire da forma porque foram adquiridas algumas fortunas? Tolera-se a moagem tripudiante? A terra por cultivar, e os predios por habitar não pagam decimas centuplicadas? Desdenha-se do problema do pão? O sequestro dos bens dos delapidadores da fortuna publica e dos enriquecidos pelas tranquibernias, não se torna lei do país?

Ora é isto, e muitas cousas neste sentido, que eu desejo saber, mas por mais que profunde, busque, procure, responde-se-me sempre com um alfobre de talentos grossos como pepinos e com uma capoeira de genios gordinhos e anafados. No fim, bem esburgados é tudo casca, pevide e

penas e os que teem alguma cousa que se veja acabam por ir à sua vida, aos seus negocios, aos seus interesses, deixando-me a interrogar eternamente os reformadores.

Os *Homens Livres* sentiam-se tão intellectuaes que pairavam; vaè-se a vêr o seu paladino, segundo afirmou o *Correio da Manhã*, até entrou na moagem que é uma forma de tratar de Portugal e Colonias. Os *Homens da Seara* quizeram talhar, para seu uso, como chefes das mentalidades nacionaes, uma associação de escritores na qual seriam os sacerdotes magnos. Falharam.

Ora quando nem um clubeco conseguem fazer, por suas atitudes de supergenios, como hão de edificar uma sociedade nova, nacional e forte, grandiosa e de reivindicação?

É com estes elementos — entre os quais ha valores pessoases, não o nego, mas que coletivamente se anulam — que se pretende realizar a obra de renovamento? Repare-se, porém, que brigariam tanto entre si como a agua com o azeite os quais jamais se podem ligar.

Não era aquele balbucio literario nem esta desorganização que eu esperava do nacionalismo a reverdecer.

Uma das cousas que faz uma grande falta — naturalmente já deram por isso — nestes movimentos anunciados, é o povo. Como o conquistam? Com discursos? Ele está farto de ouvir palavras. Com literatura? Ele é analfabeto. Com propaganda nas provincias? Fazer apenas qualquer cousa destas é desconhecer a psicologia nacional, sobretudo após a guerra e os nacionalistas deviam começar pelo seu estudo.

Os povos como o nosso pertencem à categoria dos que podem chegar ao máximo da prosperidade e ás maiores miserias dependendo apenas dos seus genios, dos seus conductores, dos seus chefes.

Como tenciono conversar largamente com estes renovadores que me surgem com ar de poetas do seculo XVIII, de habitos de Cristo ao pescoço, quando os trabalhistas largam as ferramentas pelo poder, na Inglaterra, não terei dificuldade em lhes provar, com a historia, embora me chamem «negativista», que sempre foi assim. Quando aparecia um chefe o país erguia-se; quando ele se sumia no tumulto a nação parecia ir com ele. As energias nacionaes portuguesas são como o lacre que enquanto ferve nele se podem imprimir os bons e os maus sinetes ou que se solidifica e se quebra, pouco a pouco, deixando apenas uma nodoa ou um rasgão no papel.

Por consequencia, do que se carece, não para um partido mas para a nação, é dum chefe. Ele apareceu na pessoa illustre do senhor Philomeno da Camara? Muito bem. Trata-se de utilizar o seu valor. Como? Alcançando o poder e, de cima para baixo, realizar a obra que Sidonio Paes não fez porque foi um zelador da ordem lisongeado por uma camada burgueza que o procurava enredar, querido por um povo a quem dava pão mas desviado dos militantes da rua e dos intellectuaes da acção. Quem o substituir terá que procurar o justo equilibrio e lembrar-se que a classe media será o seu sustentaculo, que aos grandes exploradores se deve o castigo, que a turba se aplaca com recursos proprios mais do que com esmolos e que os intellectuaes activos não estão nos cenaculos nem nos grupelhos mas afirmando rijamente principios e revoltas.

Fazer a propaganda do nacionalismo com aqueles *quindins* literarios ou tenta-la com manifestos é, até certo ponto, uma tarefa que põe os homens de letras à bulha, e dá vasto consumo ao já tão caro papel do

Prado, Companhia que carece de sentir o bisturi do poder a revolver-lhe a escrita até ao carnicão da traficancia.

Sinto que é necessario agir doutro modo, mais depressa, instalar no poder os homens e com alguns decretos despertar o país que os aclamará. O verdadeiro nacionalista não será o que escrever melhores versos, peças ou romances, o que cultivar mais a arte da restauração ou a casa do seculo XVIII, mas o que arranjar maneira de distribuir mais equitativamente o pão, de tornar mais docil a moeda, de falar alto aos detentores das inconfessaveis riquezas.

Como se obtem isso a tempo de salvar a nação, pobre dela, tornada num saguão para onde a Europa atira os seus despejos? Alcançando o poder. E como se chega ao poder? Aguarda-se que o sr. Teixeira Gomes venha buscar pelo braço o sr. Philomeno, o meu querido Carlos Malheiro Dias ou o meu bom Lopes Vieira e lhes diga: Governem?

Se é isso que esperam, afirmo-lhes que jamais lá chegarão por esse processo porque o sr. presidente da republica é o peor inimigo do nacionalismo. Se ele fosse um nacionalista não deixaria desbaratar o dinheiro do estado em festas, não exigiria um ordenado formidavel para ocupar o seu cargo, não enriqueceria durante a guerra, não desacreditaria a obra de Sidonio, no estrangeiro, falsificando o seu papel de nosso representante, nem se apresentaria em Portugal à laia dum residente britanico.

Como alcançar, pois, o poder se apenas com ele nas mãos se pode transformar este povo, e gerar o verdadeiro nacionalismo? Não é, decerto, com frases buriladas de sonhadores, nem com ligações impossiveis entre avançados e retrogradados, tampouco cultivando ambiciosos. Primeiro é preciso o mando; depois se fará a obra. E como se consegue o poder, pergunto de novo?

O senhor Philomeno da Camara é um soldado. A ele compete responder ao que o país lhe pergunta por minha bôca.

A Penuria da Ordem

A queda da disciplina social — A policia ante
o cidadão — A guarda e os seus ordenados —
Impõe-se uma medida salvadora — O arroz e
os bifes

Uma das razões porque se chegou ao maximo do desrespeito pelas leis é a miseria do pagamento à policia. O Estado devia caprichar em não ter que ouvir as queixas dos seus servidores e sobretudo dos indispensaveis ao bom funcionamento da maquina social. Entre estes ha a considerar os guardas da policia e os intitulados da *secreta*. O resto, o que se chama Segurança do Estado, a Policia Politica, é tão inutil, tal como está constituída, que nem merece a pena tratar dela. Se ha país onde uma policia destinada à vigilancia politica seja necessaria é em Portugal mas para isso precisava-se primeiro arredar das diversas egrejinhas os que fazem parte da corporação, retirar os agentes da Moagem — estes mais bem pagos — os cartões que lhes dão garantias e, no meio do sigilo maximo, actuar.

Falo por experiencia propria e para se vêr da finura dos empregados e dos seus chefes basta dizer-lhes que, durante um largo periodo da minha vida, desde que existe a chamada republica, andei vigiado e acabei por ludibriar os vigilantes ou por lhes dar gorjetas. Se não lhe fugia corrompia-o. E com que miserias, santo Deus! Um bocado de conversa, alguns jantares e colocações para os amigos, para os filhos e até para eles proprios. Alguns eram policias politicos por fome e como o ordenado não lha matava deixavam-se subornar.

Os chefes são, na sua quasi generalidade, individuos desconhecedores da psicologia dos meios onde tem que actuar e, estalam-lhe as revoluções debaixo dos pés e se não vão feitos — como se diz no calão policiego — tambem não se ralam muito com os resultados.

Por consequencia, ou se põe de lado essa policia inutil ou se deixa

ficar como está até que rebente de fome ou se anule na sua impotencia.

O que considero policia é a das ruas é a de descoberta dos criminosos. Não ha direito de se mandar para o serviço um homem, envergado numa farda, e ao qual se negam os meios para agir. Põem-lhe um revolver à cinta; por vezes uma espingarda nas mãos mas não lhe conchegam os estomagos com alimentação suficiente nem lhes dão ordenados capazs para trazerem as botas concertadas. A humidade regela-os mesmo sob as suas capas porque as solas das suas botas estão rotas; o seu pensamento anda alheio porque se lembram da familia falta de recursos e não podem apurar suas faculdades porque não comem sufficientemente. Os jornais clamam; os superiores, como esse digno Ferreira do Amaral, pleiteam a favor da classe, mas tudo é inutil e torna-se até contrapudocente réclamar essas miserias.

O agente da autoridade perde muito do respeito do publico desde que o saibam apto a receber uma esmola seja de uma refeição paga à saída do serviço seja duma gorgeta por fechar os olhos a qualquer desacato. Desautorizado, o policia, é como um marco postal, que está nas ruas com sua atitude hirta, mas cujo rodapé até aos cães alçam a perna. Não ha desprestigio maior do que saber-se das desditas de um homem que manda e a maxima desdita é não ter com que comer e sustentar a familia.

Carece, pois, dum remedio energico. E' indispensavel crear uma boa e solida policia, paga com decencia, sendo tambem, duma enorme urgencia aumentar os seus efectivos, atraír gente para a corporação.

Ha um meio duma simplicidade tão grande que parece impossivel não ter acudido ainda aos estadistas deste país: reduzir a guarda republicana a metade empregando alguns dos seus soldados na policia. A diferença das verbas orçamentais serviria para se formar um corpo capaz da vigilancia da cidade.

A guarda municipal, no tempo da monarquia, tinha muito menor numero de praças e servia de pretexto aos clamores das oposições. Eu não sigo processo identico: desejo apenas que haja segurança a qual só da policia póde vir, sendo organizada a valer, corroída pela politica.

Metade dos efectivos da guarda republicana chegavam com demasia, para as necessidades do papel que representam e tanto mais que os seus componentes começam tambem a queixar-se da exiguidades dos ordenados.

Aproveitando a estada do Chefe do Estado no Porto o *Jornal de Noticias* solta o seu brado a favor dos cabos e soldados da guarda republicana cujos ordenados são inferiores a 300:000 reis mensais, isto é o salario dum limpa calhas. A influencia destas miserias na psicologia da tropa é enorme e tanto mais que a maioria é casada. Assim como para o exercito ha uma epoca de serviço—julgo que de dois anos—do

mesmo modo se devia proceder para com a guarda não deixando aos soldados tempo para constituírem familia em quanto estivessem nas fileiras. E' que isto de ter mulher e filhos tira a coragem aos mais façanhudos defensores da ordem pelo processo por que aquella corporação é empregada.

Passando a realisar-se, como digo, a redução da guarda republicana, transferindo as suas verbas, com algumas das melhores praças, e dando preferencia aos cabos, para a policia, poder-se-ia contar com a deíeza dos cidadãos sob a mão doce e firme, a um tempo, do actual comandante da policia.

No caso deste processo não agradar, então, seria talvez possivel aplicar a cavalaria da guarda republicana em serviço das ruas de maior transito como em Paris já existem os guardas a cavalo e reabrir os antigos postos da municipal por diversos bairros o que garantiria um pouco mais a ordem.

O comandante da guarda republicana, general Vieira da Rocha, é um esplendido official de quem Mousinho fazia os maiores elogios e naturalmente hade preferir ter sob as suas ordens menos gente e bem paga do que muito pessãoal sem as condições precisas para servir nas funções que lhe compete.

Esta forma de harmonisar as cousas não deve convir em alto logar porque estamos num país de sofismas. Prefere-se mostrar empenchados militares nas paradas, embora os saibam contrariados por sua falta de recursos a apresentar exiguos contingentes satisfeitos.

A razão porque um milhar de ingleses domina a India inteira está em que os nativos comem arroz e os britannicos devoram bifes. Em Portugal existe um equilibrio entre a fome do povo e a dos soldados e policias. Pois sim. Mas o povo é mais numeroso e os armazens de viveres estão abarrotados.

O Porto que come e o Porto que paga

Palinodias e realidades — Os dois Portos — Os banquetes presidenciais — As barricadas e os beijos — A verdade sobre a cidade invicta

O ser mais exagerado que existe é o orador politico, o cultor das hyperboles, o que se embala nas frases pronunciadas e vai seguindo no rosto do publico as sensações que as suas palavras despertam. Embebeda-se e vomita. O cumulo dêste genero de orador é o sr. Leonardo Coimbra,

Ha dias, no Porto, diante do chefe do estado, que por lá tem andado numa boémia de novo rico, o filosofo, criacionista, de grenha ao vento disse, entre várias cousas de igual significado, as seguintes:

«A Patria nasceu aqui. O coração da Patria é o Porto! É preciso que o sr. Presidente da Republica tenha a convicção de que a Republica Portuguesa, quando lhe faltar outro baluarte, terá no peito de cada um dos portuenses uma barricada que a defenderá até à morte.»

Eu que sou um homem de trabalho admiro esses intemeratos trabalhadores portuenses; comparando suas energias ao confuso e balburdante parasitismo lisboeta, tenho pena de não ser portuense. Esse Porto, que eu estimo e venero, não é, porém, o formado pelos politicos, em todas as latitudes iguais, mas o outro, o que lida de sol a sol e gera a propriedade e a riqueza.

Posto isto, vamos colocar as cousas nos seus respectivos lugares. Quando se proclamou a monarquia do Monte Pedral, por aquele lindo domingo de sol, em janeiro, esse Porto trabalhador e ardente em sua labuta não mostrou grandes desejos de fazer do seu peito uma barricada para defender a republica até à morte. Continuou na sua lida com mais afan do que no tempo do cêrco, do qual acrescentou o seu nome de

berço da liberdade, porque o seu negocio podia continuar e uma grande esperança em melhores dias renascia na sua alma.

No dia seguinte à proclamação realista a vida não se modificou senão para uma grande alegria. O Porto, ainda como no tempo de D. Pedro, mas após a vitoria definitiva, appareceu embandeirado de azul e branco.

Não se disparára um tiro; nos quartéis fluctuava a velha bandeira que os portuenses, e com razão, tinham como muito mais sua que os do sul, a Alfandega trabalhava, as lojas abriam; os que se encontravam nas ruas abraçavam-se e os republicanos... iam receber o ordenado pago pelos monarchicos.

Foi este o baluarte de seus estomagos a que o orador, confundindo as partes do corpo humano, chama peitos.

Um ou outro jacobino mais esturrado, sabendo, em consciencia, o que praticára quando mandava, fugiu; os outros acachapavam-se; os soldados davam vivas a Couceiro e ao Rei, os officiais mandavam fazer belas corôas de prata para os seus uniformes e a guarda republicana passou a ser guarda real num grande luxo de dragonas e emblemas. As senhoras aclamavam os militares e como as cousas tomavam o caminho de uma restauração, os acomodaticios dos empregos apresentavam este baluarte para a defesa dos seus ideais: «o país quer a monarchia, nós não podemos falhar-lhe com o nosso esforço», o qual se resumiria em não ir à reparição e andar pelas ruas a embasbacar.

Parecia que tinham desaparecido barricadas, peitos e baluartes, tal era a alegria de toda a gente. Chegou-se a ponto da marinha de guerra não querer partir para o sul, vendo-se o comandante Howella penas com meia dúzia de marinheiros no barco com que se lançou na aventura de se fazer ao mar. Os marujos ficaram e tambem os sargentos, deixando desinvencilhar-se das arremetidas que no sul decidiam da sorte do regimen. Nos correios e telegrafos reinava o delirio; as manifestações percorriam as ruas e até certo official — que mais tarde figuraria nos conselhos de guerra como membro do juri — ia, todas as manhãs, saber da saude de Paiva Couceiro, que não o recebia, enojado por tanta subserviencia.

O baluarte dêstes peitos não era de melhor bronze, como se vê, e embora o sr. Leonardo Coimbra trejure diante do sr. Teixeira Gomes (que finalmente sem fazer o curso vai ser doutor) que se defenderá a republica, no Porto, até à morte, eu que não sou orador, que não me prendo com efeitos de berros, que não preciso de lisonjear seja quem fôr, garanto que se amanhã se voltasse a proclamar a monarchia na cidade do trabalho, as cousas correriam ainda melhor do que no passado.

É que os portuenses — individuos praticos — já viram para onde nos leva este simulacro de instituição onde mandam os menos honestos e os menos inteligentes, que é servida por aventureiros das revoluções, alçados até ao heroismo quando vencem, mas incapazes de governar, porque é

mais difficil dar pão barato a um povo do que disparar tiros de bordo para uma cidade indefesa. Nunca fizeram mais do que isto, os herois. Seguiram o exemplo dos conquistadores da India com suas naus e suas columbrinas, assustando os nativos que só tinham setas para a defesa. Todavia, aqueles, depois, resistiam em terra heroicamente: os das revoluções republicanas tripudiaram, sobretudo depois dêsse periodo do 14 de maio, em que mais se acentuam estes males.

De dia para dia, como o castigo duma praga de gafanhotos caindo sobre uma seara, reproduzem-se os *bravis*, os *herois*, os *bons republicanos* e tudo isto cai sobre o tesouro magro que os homens do trabalho feem que encher. Os portuenses são os maiores trabalhadores de Portugal e cabe-lhes grande parte da tarefa de atulhar os cofres que aqueles cavalheiros esvasiam. Cada vez que um caixeiro, um empregado dos grandes armazans de Gaia, um logista, um agente de cambios, passa açodado para seu emprego, se dirige à Belsa ou à Alfandega, na sua faina, encontra, parados pelas ruas, em largos gestos, curvados a segredar, importantes, atrevidos uma outra especie de portuenses: São os revolucionarios que se sustentam de suas fainas e labutas, a fauna improduttiva que se apresenta como a eleita, a escolhida, a dominadora, só porque pertence ao grupo do sr. José Domingos, que cedo arrepiou caminho da monarquia e da religião ou porque está filiado no centro radical. Tudo isto o Porto do trabalho alimenta em sua constante lida, com seu formidavel labor.

Já se vê que a pequena cousa que a cidade de trabalho põe em pratica mal vir a tremer este esplendido estado de cousas é fazer um baluarte do peito de cada um dos seus habitantes para defender a republica que permite e se baseia em tão vantajosos principios.

Agora mesmo, apesar de ter dentro dos seus muros, o chefe dessa republica, esse Porto lidador e esforçado deu o seu grande exemplo de indifferentismo deixando a politicagem correr as ruas aos vivos e a jantar no Grande Hotel...

Todavia, é preciso acentuar tambem como se aluiu parte do baluarte.

Quando se começou a vêr que havia muito mais gente para comer da que se julgava, houve-se por bem advertir o presidente, em termos da bela franquesa que devemos apreciar, de que apenas suas contas e de sua comitiva, o municipio satisfaria e não das centenas de convidados que se iam aproximando da banca-posta. Dentro em pouco — mercê dos habitos republicanos — estaria toda a gente à mesa e o Porto trabalhador a pagar a conta. Foi o que se evitou com menos diplomacia do que acerto.

Se este exemplo do amor pelo representante da republica não bastasse, o resto aí estaria a comprovar que não ha grandes peitos para formar baluartes na defesa duma instituição. Senão vejamos.

Quando um município republicano, hesita diante de mais uma dúzia de meios bifés, oferecidos pelo primeiro magistrado da republica a alguns dos corifeus do regimen, estaria disposto a tirá-los do peito para os continuar a fornecer? Faria baluarte do seu corpo contra quem o livrasse de vez de semelhantes jantares, *hors d'œuvres* e *desserts*?

Julgo que não e o Porto — que vive de bom senso — vai concordar, comigo neste ponto. As festas que ali se deram foram para os politicos; com elas cousa alguma tiveram os comerciantes, os industriais, os banqueiros e só em fábricas de alguns republicanos o chefe da republica recebeu uns riscadinhos, e uns panos em prendas pela visita a essas fontes de labor.

O resto é a parte exagerada duma corda vocal do orador politico, que vê baluartes e barricadas onde apenas existe uma barreira de dens e de aborrecimentos.

Mas, enfim, o sr. Leonardo Coimbra conseguiu o seu fim: reconciliar-se com a opinião republicana que até já o apupava nos cafés, confundindo-o com um *jasuita*. Voltou, o criacionista, a saltar a sua trincheira, como numa pista de circo, entre-arcos de papel colorido.

E no fim, o que se averigua é a existencia de dois Portos: o que come e o que paga.

O coração ou as tripas do Porto?

Uma "blague,, em vez dum madrigal — O que o sr. Teixeira Gomes não fez — O Porto e o seu criterio — A alma da cidade invicta — Os grandes tropos

Depois das hiperboles do sr. Coimbra as bem mais interessantes *blagues* do nosso velho amigo dr. Eduardo de Sousa. Aquele afirmou que do peito do Porto se faria uma barricada para a defesa da republica até à morte, este exprímiu-se em termos de outro jaez:

— «D. Pedro IV — disse o actual governador civil da cidade do trabalho — legou o seu coração ao Porto, o sr. Teixeira Gomes leva o coração do Porto».

Se não conhecesse o feitio trocista e, por vezes, sarcástico do illustre jornalista, julga-lo-ia transformado num desses poetas da velha Arcadia a madrigalar as *figurinhas de Cupido* de qualquer sécia ou a perder-se pelo *beijocador* de monja irlanduna.

— «Quem possui o coração de Amadis? Quem mais amadis é...» e cousas deste tomo, ótimas na *Academia dos Ocultos*, do tempo do senhor D. João V, mas autenticas e puras *blagues* na epoca que vai decorrendo.

Não sei se o Eduardo de Sousa é do Porto se de Penafiel mas de sua carreira conheço o suficiente para decidir que, integrado, de ha muito, com a capital do norte a ama suficientemente para não tomar a sério a frase que pronunciou.

O sr. presidente da republica é tudo quanto ha de mais antagonico com o feitio portuense. É um homem do sul, do sul e da preguiça de goso e de exhibição, mostrando por mil o que não vale mais de cinco no seu exagero proprio dum algarvio atreito a miragens.

O visitante ideal para os portuenses seria o que, sem perder a linha propria de seu cargo, mas reduzindo suas despesas ao correcto, apparecesse no Porto, com um secretario e um ajudante, tomasse tres quartos

no Grande Hotel e começasse a informar-se do estado da cidade. Inquiriria de sua industria e de seu commercio, preocupar-se-ia com suas transformações, visitaria as grandes fabricas, os magnificos armazens de vinhos, os bairros pobres, os estabelecimentos de caridade e quando lhe offerecessem dinheiro para pagar suas despesas à custa da cidade, responderia:

— Porque não vamos acudir à Misericordia?

E, logo, num belo gesto, começaria por fazer alguma cousa util. A seu convite, sem alardes politicos, de cidadãos para cidadão, viriam os grados portuenses, da industria e da alta banca, do commercio e do capital, rodeá-lo para salvarem o velho instituto, que chegou à maior das decadencias com a republica. Desejaria saber as causas dessa queda, os motivos desses males e salvaria do desbarato essa Misericordia que pede esmola. E o que fez o sr. Teixeira Gomes?... Agarrou num conto de réis e ofereceu-lho com metade dos riscadinhos que lhe deram nas fabricas que visitou.

Isto para o feitio generoso do portuense é dum comico aterrante. O que deixou de fazer ainda é peor. Não tentou aproximar-se do que realmente existe no Porto de mais solido e distincto, não se achegou áqueles cujos nomes são brazões de honrado trabalhado. Exibiu-se em companhia de radicais da rua e não dispensou as escoltas.

É certo que o Porto ama a pompa, a garridice, o espectacularo, o luxo dos uniformes, o esvoaçar das bandeiras, as luminarias, os fogos de vista, mas isto suporta-o esta cidade de lide um dia ou dois. Ora o sr. Teixeira Gomes meteu-se, com toda a sua pompa, dentro das muralhas portuenses, durante tanto tempo que mais parecia um conquistador pisando, com as patas dos cavalos, as pedras do velho burgo, do que um burguesote presidente duma republiqueta do extremo da Europa, depauperada e pobre, de visita a uma terra de labuta.

O que ali se mostrou foi o homem do sul, vaidoso em suas scintilações, o plebeu do Algarve avançando sobre o norte, como um dominador, um espirito ausente das necessidades materiais duma terra que o acolhia e à qual prometia banalmente o seu «apoio moral»; o que se exhibiu foi o figurino reimportado de Londres, com seu chapéu de côco claro e sua attitude arrogante, em vez do modesto, do pratico cidadão interessado pela situação do Porto.

Haveria mil cousas a palpitar, a vêr, a compreender, mil outras a remediar, a dar atenção, a penetrar. Pois bem, de tudo isto, que seria agradavel aos portuenses, apenas fez visitas officiais aos museus. Por toda a parte, esse presidente empavesado, escutou o mesmo grito de desespero e de descalabro, de miseria e de dôr, de ruina e de abandono.

Ondé existe a prosperidade, a grandeza, o triunfo, no commercio, na industria mal pensou. No resto tambem não pensou muito porque depois de ter ouvido as queixas nos estabelecimentos de caridade, que

vão fechar, recolheu ao Grande Hotel a banquetear-se por conta do municipio.

O Porto imaginou que ia vêr o presidente a pé, a entrar nas fabricas, nos estabelecimentos, nos mercados, a compulsar a vida cidedina e saíu-lhe uma espécie de rei miliciano a exhibir os seus guardas e a sua banda de Três Ordens.

Naturalmente tudo isto não escapou à analyse dos portuenses praticos em demasia para não se deixarem tomar por aquilo que não são e, por isso, enquanto durou o regabofe político largamente a ausencia dos valores da cidade se marcou.

As proprias manifestações da academia não passaram de exagero dos jornais. Ha uma coisa que a reportagem moderna tem com que contar quando quer faltar à verdade: a fotografia. Todos vimos os *clichés* tirados no Porto, nos quais appareceu cincoenta ou sessenta estudantes correndo ou parados, devendo ser os mesmos, como comparsas de teatro. Nas ruas, a gente que assiste a todos os espectaculos, lá estava ante aquella exhibição do homem do sul deslumbrando os do norte, mas a falta de entusiasmo era tal que não foi possivel, nem mesmo na *gare*, arrancar vivas ao presidente da republica.

Por conseguinte—o amigo Eduardo de Sousa—fez uma *blague* quando desejava esponder um madrigal porque, para demais, sabe, muito bem que não é por processos como os apontados aqui, que se conquista o olhar dum portuense quanto mais o coração da sua nobre cidade.

Sabe, o actual governador civil da capital do norte, melhor do que eu, como os portuenses chamam a este genero de cousas muito especulativas e barulhentas. Chamam-lhe *fitas*.

Já vê, pois, que não é esta a forma do coração do Porto. Pode ser, quando muito, o das tripas de que tem a especialidade e que o homem do sul nem sequer provou, quando devia ter principiado por essas miudezas.

Os "trusts" dos grandes jornaes estrangeiros

A compra dos orgãos da opposição no estrangeiro — Uma batalha do capitalismo — Os ataques á moral antiga — O fim da grande lucta — O Saturno rotativo

Ha dias o *Correio da Manhã* alarmava-se porque a imprensa, o que constitue a grande imprensa industrial, da Inglaterra e da America, bem como a doutros paizes, está passando ás mãos de varias empresas que não carecem tirar dela rendimentos, mas obter, com sua publicidade, atmosfera para os seus inconfessaveis negocios.

O publico, pouco ao facto dos bastidores dessas compras e vendas, compra o jornal por mais ou menos atractivo, por seus bonecos, suas anedoctas, suas fotografias, prende-se nos seus folhetins e nos seus artigos fantasiosos com que se lhe desvia as atenções dos grandes casos, daqueles onde ha o lucro, o ganho, o verdadeiro filão dos empresarios.

Ao mesmo tempo como não se importam de perder, vão matando com a sua concorrência, os pequenos jornaes honestos que não se filiam na corrupção, pervertendo o sentimento popular, desviando-o das causas generosas, enaltecendo só os apaniguados dos argentarios, titulando de genios, escriptores de estylo e sem ideas, produzindo todas as cousas reaccionarias, esmagando a verdade e preterindo a função da verdadeira imprensa.

A maquina nobre que era servida pelos ideaes passou a ser movida pela concussão e assim tem trepado ás culminancias do mando, aos pincaros da celebridade, autenticos bandoleiros sem escrupulos que dividiram a terra em quinhões e para os quaes trabalham os honrados.

Esta é a situação da maior parte da chamada grande imprensa na Inglaterra e na America.

Claro, que os donos dos pequenos jornais arruinados não veem nisso senão a batalha perdida e não vibrando na intensidade da paixão que nós, os latinos, sentimos, procuram outra vida quando seria de esperar attitudes de maior veemencia.

É legitimissimo ao arruinado liquidar, por qualquer modo, o arruinador. No dia em que um desses ladrões de consciencias, desses envenenadores do publico londrino e do americano caisse varado a tiros pela

mão certa de um homem illustre que ele reduzira à fome, haveria mais cuidado para o futuro com as batalhas de consciências.

Ora onde se vê o apogeu do mando das plutocracias, entrevejo eu já, o seu declinar.

Elas podem perverter, ainda por um quarto de seculo, publico o que pensa pelo seu jornal, mas não podem encobrir as miserias que geram e dentro em pouco essas armas poderosas, que são o seu esteio, ficarão nas mãos dos produtores de todas as camadas.

O capitalismo, com toda a sua brutalidade, desenvolve-se à larga e proliferando no ventre putrido dos regimens de ganancias, está a condenar-se. Tanto repuxa a sua corda para nos enforcar que ela se lhe quebrará nas mãos. Esse aspecto da tomadia dos jornais é sintoma de que lhe falta dar o ultimo assalto às forças das nações e responde-se-lhe com alguma coisa de formidavel e que ha de pesar imenso no futuro do mundo, porque assim o quizeram os exploradores. O reconhecimento dos soviets pelos governos inglês e italiano — a que se referiu num artigo do sr. conselheiro Aires de Ornelas — no mesmo *Correio da Manhã*, marcando uma nova fase no mundo, foi o resultado da ganancia, dos malefícios, das explorações dos grandes plutocratas. Os povos já olham atentamente para o que se está passando, e, embora toda a imprensa caiba nas mãos dos senhores do ouro, outras vozes se erguem que chegam mais longe e são melhor comprehendidas.

Ainda bem que o órgão do meu partido feriu aquella nota da compra dos jornais estrangeiros pelos potentados, fazendo sentir o mal que isso representa. De certo vai influir na acção do partido monarchico — a darem-se em Portugal identicos actos — a lição a que lá fóra se está assistindo.

Não poderemos ficar ao lado duns individuos que se dizem conservadores e geram a nossa miseria, duma propriedade baseada em venias, duma corrupção canalizada por uma imprensa mentirosa. O melhor dos regimens é o de maior pureza. Envenenar o espirito publico é um crime que só se expia nos patibulos ou nos fossos das fortalezas. Os monarchicos devem falar clara e livremente e apontar as pustulas onde se encontram e daí a sua intransigencia com aqueles capitalistas que em nome dos bens mal adquiridos, vão arruinando os honrados. Mas, ao que parece, por enquanto a imprensa em Portugal ainda não chegou ao papel de Saturno, o deus devorador dos filhos.

ROCHA MARTINS

O MARQUEZ DE POMBAL PUPILO DOS JESUITAS

Sensacionaes revelações sobre as relações
do ministro de D. José com os homens da
Companhia de Jesus.